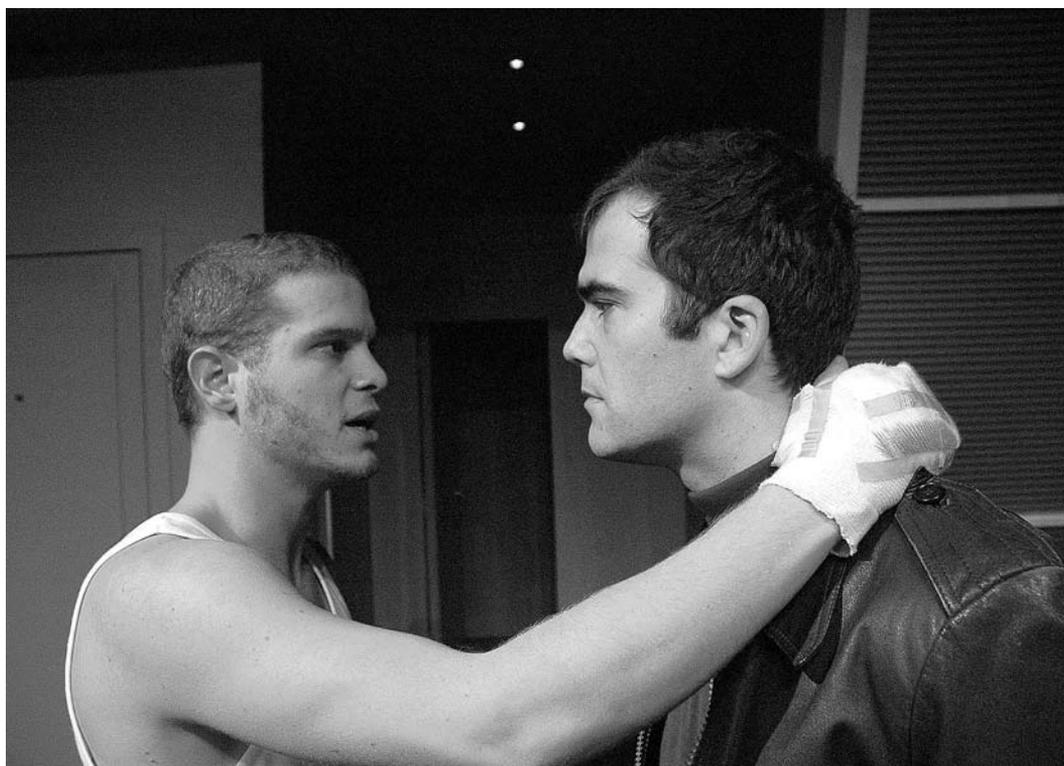


Fantasmas

Luz na cidade

João Carneiro



<
Luz na cidade,
de Conor McPherson,
enc. João Lourenço,
Novo Grupo /
Teatro Aberto,
2005 (Nuno Gil
e Marco Delgado),
fot. João Lourenço.

No início, um homem de meia idade, uma meia idade avançada, vai consultar um psiquiatra. A mulher morreu, e agora aparece-lhe em fantasma; o homem está a dar em doido com as aparições. No final da peça, o viúvo deixou de ver fantasmas; sente-se curado, e bem disposto. No final, também, é Nuno, o jovem psicólogo, quem passa a ver fantasmas.

Dito assim, temos a impressão de estar perante uma narrativa psicanalítica clássica: o paciente, a história desse paciente, a cura. Algo menos clássico poderá ser a transferência que, neste caso, se opera de forma tão radical que os papéis entre os dois homens acabam por se inverter.

Um núcleo temático e narrativo deste tipo supõe que existem histórias, na vida destas pessoas que, de algum modo, interessam para a peça em questão, e assim é, de facto. Por um lado vamos saber muita da história de vida de João, o homem que gostava da mulher, que lhe era infiel e que, de repente, a perdeu num acidente de automóvel. É uma história de casamentos e de traições, de sexo e de sentimentos de culpa. Temos também, bônus substancial e algo previsível, a história de Nuno, um rapaz que começou por ser padre, abandonou esse primeiro

universo, e passou a ser psicanalista; da vocação à profissão, dá vontade de dizer, o que não se passa sem peripécias. Também aqui o amor, o sexo e a culpa andam de mãos dadas, como é habitual nas sociedades civilizadas que conhecemos e de que fazemos parte.

Para sabermos estas histórias temos a contribuição preciosa de duas outras personagens: a mulher de Nuno, que acompanhou o percurso da igreja ao consultório, com uma crucial ajuda afectiva e material, e que se ocupa do filho dos dois. Infelizmente, Nuno quer deixá-la, o que deixa Elisa – é assim que se chama a mulher – fora de si. Por outro lado, como o homem é um ser cuja complexidade não deixará nunca de nos surpreender, temos ainda Luís, um prostituto ocasional, com quem Nuno, o psicólogo, passa uma noite depois da cena tempestuosa com a sua mulher.

Que tanta variedade de caracteres e de situações seja articulada em cinco cenas que, do ponto de vista da construção de uma globalidade, ou de uma narrativa completa, sejam também um modelo de equilíbrio, e que esse equilíbrio em vez de jogar contra a diversidade das ficções acabe por potenciá-las e torná-las acessíveis ao

<
Luz na cidade,
 de Conor McPherson,
 enc. João Lourenço,
 Novo Grupo /
 Teatro Aberto,
 2005 (Marco Delgado
 e São José Correia),
 fot. João Lourenço.



>
Luz na cidade,
 de Conor McPherson,
 enc. João Lourenço,
 Novo Grupo /
 Teatro Aberto,
 2005 (Nuno Gil
 e Marco Delgado),
 fot. João Lourenço.

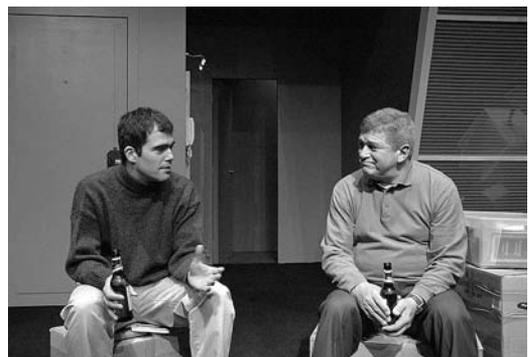
espectador, é um mérito que nunca será demais louvar, e o autor tem todas as razões para estar orgulhoso desta sua criação.

E é por esta via que quero chegar aos actores, afinal aquilo de que deveria estar a falar desde o início. O trabalho destes quatro intérpretes, se deve muito, sem dúvida, ao texto e à direcção do encenador, João Lourenço, tem tudo a ver com a diversidade de personagens, com a construção de cada uma delas e com aquilo que é exigido a cada actor para que aquelas pessoas apareçam no palco com uma credibilidade máxima, e para que aquela história, que é também um conjunto de histórias e um conjunto de situações, adquira fluência, credibilidade e eficácia; o que, de facto, acontece, quanto a mim e quanto a muitas outras pessoas, creio eu, incluindo as que integram o júri que atribuiu os prémios.

>
Luz na cidade,
 de Conor McPherson,
 enc. João Lourenço,
 Novo Grupo /
 Teatro Aberto,
 2005 (Marco Delgado
 e Rui Mendes),
 fot. João Lourenço.

Marco Delgado representa um psicólogo que foi padre, que tem uma mulher e um filho, que, depois de mudar de vida profissional, quer mudar de vida pessoal, que sai uma noite para voltar para casa com um rapaz, e que acaba por ver os fantasmas que, em princípio, pertencem aos pacientes; e que, não obstante, parece estar, no final da peça, no bom caminho, ou seja, em vias de poder resolver a sua vida e a sua relação com o mundo de maneira minimamente pacífica e satisfatória. Rui Mendes passa o tempo a falar com esta personagem, e a contar histórias de casamento, de infidelidades, de mulheres e de sexo, e a expor uma interioridade que nem sempre é evidente em homens médios, de classe média, com aventuras médias e sexo mais ou menos acidentado.

Os outros dois têm tudo contra eles: uma cena cada um, em que não se pode falhar. Uma está à beira da crise de nervos, e introduz a violência emocional e psicológica no espectáculo, de maneira explícita. O outro é responsável por uma das faces visíveis, se bem que aqui nocturna,



da sexualidade de Nuno, psicólogo e ex-padre e, para todos os efeitos, uma espécie de eterno "pastor de almas". Todos participam naquilo que, sendo uma história de duas personagens, e de mais outras duas, é também a história de uma delas, a que supostamente gere, tentando conseguir ou providenciar cura, a vida de outros – curiosamente, a troco de dinheiro, pelo menos em princípio. *Luz na cidade* é uma espécie de mundo em amostra, em formato reduzido, por isso mesmo difícil de representar. Marco Delgado e Rui Mendes, médico e paciente, São José Correia e Nuno Gil, a mulher e o amante ocasional, são os pilares de uma comunidade em que não é apenas possível revermos o mundo que conhecemos, contando histórias para aquela espécie de divã em que os espectadores se sentam, a troco de um bilhete, e que são as cadeiras dos teatros; mostram, ou revelam, ou contam, qualquer coisa das pessoas, ou do mundo, que ainda não conhecíamos, e que talvez passe a fazer alguma diferença nas nossas vidas. Que o façam de maneira tão exemplar é motivo de reconhecimento e razão desta forma de agradecimento que se pretende, nas suas muito evidentes limitações, também exemplar.